

RUA DR. EMILIO RIBAS

Deliberação da Câmara de 31-08-1927

Editais de 12-09-1927

Formada pela rua 2 da Vila Póvoa, rua 3 da Nova Campinas, rua 2 da Vila Almeida (conhecida por Travessa 2) e prolongamento da rua 2 da Vila Ernestina

Início na rua Coronel Francisco de Andrade Coutinho

Término na rua Capitão Francisco de Paula

Cambuí

Obs.: Edital assinado pelo Vice-Prefeito Municipal de Campinas Dr. Celso da Silveira Rezende.

DR. EMILIO RIBAS

Emilio Marcondes Ribas, nasceu em Pindamonhangaba, SP, a 11-04-1862 e faleceu em São Paulo, a 19-12-1925. Era filho de Candido Marcondes Ribas e Andradina M. Machado Ribas. Formada pela Faculdade de Medicina de São Paulo, logo que terminou o curso retirou-se para sua terra natal, onde desenvolveu ação política à favor da República. Depois de passar algum tempo na cidade de São Paulo, transferiu-se para Tatuí, onde exerceu a clínica. Nomeado inspetor sanitário, promoveu grande atividade, numa época em que a febre amarela grassava assustadoramente em várias cidades do Estado. Em meados de 1896 é destacado para Campinas, nomeado médico chefe da comissão sanitária da cidade e onde prestou eminentes serviços à ciência. Iniciou seu trabalho com as clássicas medidas de isolamento e desinfecção domiciliar a par de outras providencias a bem da hygiene urbana e cuja execução resultou no golpe de morte à febre amarela. O próprio Ribas declarou em conferencia que podia afirmar que Campinas foi saneada antes dos estudos de Cuba, graças aos meios profiláticos, depois demonstrados brilhantemente em Havana. Em 1898, fixou residência em São Paulo, sendo nomeado Diretor do Serviço Sanitário. Pouco antes, no entanto, grassa em Santos a peste bubônica, e Emilio Ribas pessoalmente, sem alarde, visita os focos, fiscaliza os navios e não tendo soro, consegue alguns de um navio francês, que permitiu a atender a alguns doentes. Ficou demonstrado não poder ficar o país dependente de soro importado. Domingo, antes mesmo que a peste terminasse, adquire uma chácara (Butantã) nas proximidades da capital paulista, instalando, em fins de 1899, o Instituto Soroterápico, para preparar e fornecer o soro antipestoso e outros produtos biológicos. Em 1908, como integrante de comissão especial constituida pelo Governo do Estado viaja para os Estados Unidos e pela Europa, sendo convidado pelo governo francês para dirigir os trabalhos de cor

bate à febre amarela na Martinica, o que não pôde aceitar. De volta ao país ataca o problema da tuberculose, imaginando a construção de um sanatório em local de clima adequado, escolhendo Campos do Jordão. Todavia, um sério problema ocorreu: o acesso. Com um trabalho hercúleo e lutando contra todas as barreiras conseguiu a construção da estrada de ferro. Passou a seguir a se preocupar com o problema da lepra e por inspiração sua foi criado o Leprosário Santo Angelo, depois de uma luta árdua para convencer a opinião pública e mover o govêrno a realizar a obra, numa campanha de pregação diuturna. Emilio Ribas contribuiu poderosamente para a vitoria de Oswaldo Cruz, que como ele foi alvo de terrivel campanha de imprensa, políticos e principalmente de médicos e professores de medicina, que mesmo deante de realidade palpável e indiscutível, insistiam em não arredar de seus anacrônicos ensinamentos e teorias próprias.

Emílio Ribas, o verdadeiro descobridor da transmissão da febre amarela

MIGUEL FERREIRA

Amanhã, será inaugurado um modesto monumento a Emílio Ribas, no qual terá transcrita em bronze uma carta de Oswaldo Cruz de grande elogio ao sanitista de São Paulo. Presta-se, assim, mais uma homenagem ao cientista modesto que libertou a Capital da febre amarela. Foi isso no começo do século. Mas as transformações por que São Paulo passou foram de tal amplitude que fizeram esquecer rapidamente um notável feito e um notável exemplo. Merece a pena recordar. É mesmo um dever.

A FEBRE AMARELA

Em fins do século passado houve tal surto de febre amarela em São Paulo que os navios procedentes do Velho Mundo se recusavam a tocar em Santos. Tratava-se de uma moléstia mal conhecida. Fora trazida para a América do Sul por dois marinheiros doentes do navio norte-americano "Brasil", em visita de cordialidade. O barco desembarcou na Bahia os marujos enfermos. E o mal propagou-se rapidamente. Atingiu o Rio de Janeiro, espalhando-se pelo interior de São Paulo. Evidenciou-se também, em breve, que os imigrantes recém-chegados eram mais suscetíveis de contrair a moléstia. E que o calor determinava aumento e propagação da epidemia. São Paulo, devido ao seu clima temperado e mudanças bruscas de temperatura, era menos sujeito que outras cidades. Por isso quando irrompeu um surto em Campinas, a gente de maiores posses fugiu para a Capital paulista. E foi essa a razão porque, segundo se comentou mais tarde, a Princesa d'Oeste, então em plena expansão devido ao café, não se tornou, de fato, a metropole do Estado. Por isso também a corrente imigratória italiana preferiu São Paulo ao R.C. cidade muito mais populosa, com mais de duzentas mil almas, e preferiu a modesta Paulicéia de então, de escassos 25 mil habitantes, mas liberta da peste.

Havia também um grande mal a vencer, além do pânico: o desconhecimento da transmissão da moléstia. O médico norte-americano Finlay afirmara, em consequência de suas investigações em Cuba, que a febre amarela era transmitida pelo mosquito. Não positivava, porém, experimentalmente a sua teoria. Muitos, portanto, portanto, que assim fosse. E sucedeu que em São Paulo, Emílio Ribas assumiu a direção do Serviço Sanitário e acreditou em Finlay. E em novembro de 1896 o secretário dos Negocios do Interior, o austero Dino Bueno, escrevia-lhe amistosa carta em que lhe dizia ter lido o seu relatório, observado as providências adotadas e esperava que continuasse a corresponder à expectativa pública.

REAÇÃO

Mas as providências que adotara nem sempre eram bem recebidas. Mesmo na classe médica havia descrentes. Surgiram críticas acerbas. E assim, em 10 de janeiro de 1900, pediu a demissão do cargo, o que lhe foi denegado. Do gabinete do presidente do Estado e assinada por Fernando Prestes, recebia carta amistosa em que lhe era garantida a confiança mais absoluta por parte do Governo.

Para se avaliar a reação sistemática que Emílio Ribas ia encontrar basta o seguinte trecho de uma carta de Pereira Barreto, um dos cientistas mais acatados do tempo: "se a febre amarela se propaga exclusivamente pela água é evidente que nos achamos em excelente companhia pois não há país que não possa lê-la". No mosquito pouco se falava.



A herma que será inaugurada amanhã no Isolamento. Trabalho do escultor Humberto Carpinelli, tem estas características: base de granito, de feição semi-circular, medindo, aproximadamente, três metros de comprimento por um de largura e 0,30 de espessura. Sobre a base, um pedestal, aos lados do qual dois blocos de granito. A parte modelada se compõe do busto do homenageado e de dois baixos-relevos que representam, um, a fundação do Instituto Butantã e, outro, a debelação do surto de febre amarela

No entanto, na equipe de médicos de Emílio Ribas já os mais jovens admitiam a possibilidade da transmissão pelo mosquito e faziam experiências com as larvas apanhadas, empregando o querosene e a cal para as destruir. Em janeiro de 1901 o secretário Bento Bueno, amigo pessoal de Ribas, escrevia-lhe: "A descrição da larva, ainda que ligeira, parece-me útil, porque não são todas as donas de casa que sabem o que sejam aquelas minhocinhas espantadiças, dos barris e tinhas do quintal, que se ajuntam à superfície e fogem para o fundo, logo que se toca na água, com movimentos quebrados".

No entanto a maioria da classe médica duvidava e na imprensa da época saíam críticas agudas. Célebre médico escreveu que Emílio Ribas estava desmoralizando a ciência brasileira nas asas de um mosquito.

A EXPERIENCIA

Foi então que Emílio Ribas, que fora ajudado nas pesquisas por Adolfo Lutz, decidiu uma experiência conclusiva. Juntamente com um imigrante recém-chegado, de nome Flori, fez-se picar por mosquitos contaminados. Lutz e Ribas tiveram uma febre de leves consequências. Mas já o peninsular contraiu uma infecção tal que quase o mata. Demonstrado ficou que a moléstia atacava, sobretudo, os que ainda não se haviam aclimatado. A correspondência de Adolfo Lutz com Emílio Ribas revela todos os aspectos da campanha e merece a mais ampla revisão pelas revistas científicas. Infelizmente

foi feito. A clareza e entusiasmo de Lutz são admiráveis. Faz observações meteorológicas, colhe mosquitos, examina doentes. Sua epistola, datada do Rio de Janeiro, de 30 de agosto de 1902, terminava assim: "Ele já me ofereceu mosquitos. De outro lado não há quase mais esperança de encontrar um caso bom".

Numa carta do médico Eduardo Lopes, de Campinas e datada de 25 de fevereiro de 1903, aparece a revelação de que a classe médica já se dispôs a aceitar a tese do mosquito transmissor da febre amarela.

Sallenta: "Só pela leitura do relatório soube que vos tinheis, com o dr. Lutz, submetido a picadas de mosquitos infectados. A admiração que me inspirou esse vosso devotamento levou-me a dirigir-vos esta carta".

No entanto, ainda havia muitos que discordavam. Pereira Barreto comunicava-lhe "O artigo do Mandonça é um desconchavo, que frisa as raízes do vitalógico. Vejo que ele perdeu as estribelas". E sugeria, depois, noutra carta, a conveniência de ser experimentado o soro antiofídico contra a febre amarela.

Havia também dúvidas quanto à contaminação pelo mosquito. Se era por picar doente. Pereira Barreto supunha que o mosquito se contaminava na água. Foi então que Emílio Ribas resolveu efetuar a segunda experiência no Hospital do Isolamento que atual-



continua

mente tem o seu nome! Mandou transportar a roupa de doentes e aceitou três voluntários para com ela dormirem e viverem sete dias, sem que nada lhes tivesse acontecido.

Já então Emilio Ribas começara a impressionar os meios científicos do país. E o mais impressionado foi Oswaldo Cruz, que lhe escreveu cartas entusiásticas.

A CONFIRMAÇÃO

A última delas, de 20 de julho de 1903, é a consagração de Emilio Ribas. Comunica-lhe que os cientistas franceses trazidos a péso de ouro haviam procedido a meticulosas provas.

"Verificaram a existência de gêmias no sangue só nos três primeiros dias da moléstia. Verificaram mais que a incubação da moléstia pode ir a 10 dias. Que o mosquito infectado é tanto mais infectante quanto mais antiga tiver sido a infecção. Que o soro infectante, aquecido de 10 graus a 55 graus é vacinante. Que o soro dos convalescentes é preservativo. Quanto à experimentação no homem verificaram que o stegomía transmite a moléstia típica tendo havido infelizmente três casos de morte por febre amarela experimental clássica, com anúria, vômito preto, icterícia, albuminúria, etc., sendo os casos verificados pela autópsia, tendo sido encontradas todas as lesões características. Verificaram mais que o mosquito infeccionado não pica durante o dia, preferindo fazê-lo à noite. Um dos doentes que sucumbiu à febre amarela foi picado por dois únicos mosquitos dos quais um quase não sugou. Peço-lhe a mais absoluta reserva sobre esses casos terminados pela morte e que foram feitos sob a minha exclusiva responsabilidade. Compreende meu caro amigo, como a imprensa nossa adversária exploraria o fato, caso dele tivesse conhecimento. Essas experiências foram categoricas assim como as outras".

Seguam-se outras considerações. Era, afinal, a consagração de Emilio Ribas. E Pereira Barreto, quando saiu o relatório da missão francesa, escrevia-lhe: "Será possível que nossos jornais deixem de publicá-lo na íntegra? Que serviço prestaríamos à classe médica e a toda a população do Brasil!"

São Paulo teve a prioridade da sistematização da profilaxia da febre amarela. Foi aqui iniciada. Permittu livrar o Brasil da terrível endemia definitivamente. Emilio Ribas antecipou-se a Oswaldo Cruz. Agradeça-lhe este em carta de 5 de maio de 1903: "Recebi e muito agradeço-lhe o exemplar que teve a gentileza de enviar-me, das leis referentes a higiene em São Paulo". Isso como consequência de outra carta datada de abril e em que pedia: "Se houvesse possibilidade, eu pedir-lhe-ia o obséquio de enviar-me toda a legislação sanitária de São Paulo, assim como o código de posturas".

Oswaldo Cruz tinha sido nomeado semanas antes.

Por onde se conclue, que, na realidade, Emilio Ribas é que foi o precursor do combate à febre amarela no Brasil e a ele se deve a extinção da terrível moléstia.

Mais do que nunca é justo lembrar e documentar esses aspectos, agora que o bronze vai evocar a obra desse cientista que cumpriu honestamente o seu dever, sem mesmo almejar a glória.



X
C.M.



Emilio Ribas: gloria ainda pouco lembrada

100 REIS

SANEADOR DE SÃO PAULO E FUNDADOR DO BUTANTÃ

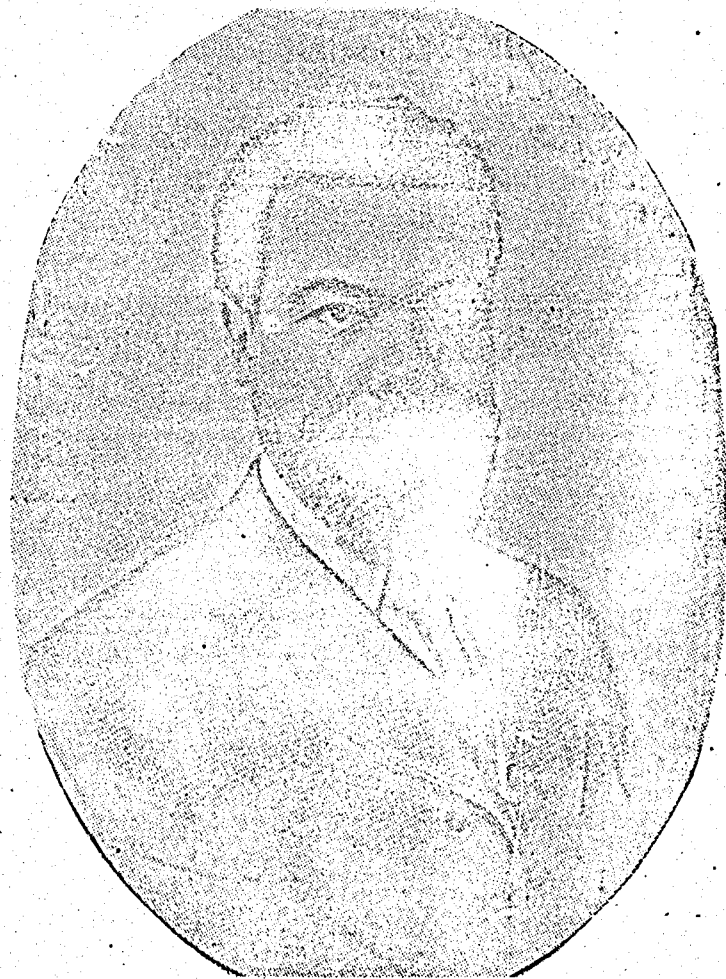
Repete-se na capital paulista a
dramatica experiencia de Havana —
Estrada de ferro para os doentes.

O nome de Emilio Ribas está ligado de maneira muito íntima aos começos da ciência experimental em São Paulo. Sua luta, aqui e em Campinas, foi muito semelhante à de Osvaldo Cruz na Capital do país. E um dos resultados mais preciosos dessa luta — a fundação de um grande instituto de pesquisa, o Butantã — também teve paralelo na ação de Osvaldo, com a criação de Manguinhos. É justo que dediquemos a Ribas um pouco de nossa atenção, no momento em que se comemora, entre festas, o quarto centenário da cidade. Tanto mais quanto não tem tido o nome desse eminente sanitarista todo o postumo respeito a que em verdade ele fez jus, pelos atos de sua vida. Coisas do destino, que nos cabe modificar, na medida de nossas forças.

RAPIDA BIOGRAFIA

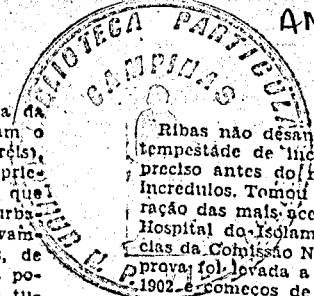
Emilio Marcondes Ribas nasceu em Pindamonhangaba a 11 de abril de 1862, filho de Candido Marcondes Ribas e Andradina M. Machado Ribas. Formou-se pela Faculdade de Medicina de São Paulo, retirou-se para defendendo tese no começo do ano seguinte. Terminando o curso, que foi brilhante, retornou à terra natal para, logo de início, desenvolver ação política a favor da republica. Depois de passar algum tempo na cidade de São Paulo, retirou-se para Tatuí, onde exerceu a clinica. Foi nomeado inspetor sanitario, cargo no qual promoveu grande atividade, numa época em que a febre amarela grassava assustadoramente. Trabalhou ativamente em Campinas, Jau, São Carlos e outras cidades, e em 1893 passou a residir em São Paulo. Meses após foi nomeado diretor do Serviço Sanitario, naquele tempo subordinado à Secretaria do Interior. Nesse posto teve ação extremamente fecunda. Em 1908, como integrante de especial comissão, constituída pelo Governo do Estado, viajou pelos Estados Unidos e pela Europa, tendo sido nessa ocasião convidado pelo Governo francês para dirigir os serviços de combate à febre amarela na Martinica, o que não pôde aceitar.

De volta ao país ataca o problema da tuberculose. De acordo com as idéias da época, nada poderia ser mais importante do que construir um sanatorio em clima adequado. Escolheu Campos do Jordão, que apresentava, todavia, uma grave dificuldade: o acesso. Ocorreu-lhe então estabelecer uma estrada de fer-



Emilio Marcondes Ribas

CMN



ro. E logo passou da Idéa à realidade, obtendo da Camara Municipal um privilegio, por trinta annos, para aquelle fim. Luta ardua, sem duvida, que exigia levantamento de capitais, resolução de problemas tecnicos, luta contra mal disfarçadas oposições. A verdade é que em pouco tempo a estrada estava pronta e a primeira locomotiva, que recebeu o nome de "Pruyente de Moraes", partia com destino a Campos do Jordão, escalando a Mantiqueira. Ocupou-se intensamente com o problema da lepra e por inspiração sua foi criado o Leprosario Santo Angelo. Nos dias que correm, em que está na consciencia de todos o papel que os leproarios representam na luta contra a morticia, talvez não se possa mais avalliar, em toda a sua grandeza, o que teve de ser o esforço de pregação daquelles que, como Ribas, queriam mover a opinião publica e o governo para a realização desse objectivo.

Dirigiu Emilio Ribas o Serviço Sanitário até 1917. Faleceu em São Paulo a 19 de dezembro de 1925.

A PESTE

Pouco após sua investidura na chefia do Serviço Sanitário, teve Ribas que enfrentar a invasão da peste bubônica, que há algum tempo grassava na cidade do Porto, ameaçando invadir toda a Europa e os portos da America. Ante tal ameaça estabeleceu-se no porto de Santos um serviço de vigilancia, que examinava todos os casos suspeitos; chefiava-o um dos assistentes do Instituto Bacteriologico. A existencia desse serviço permitiu surpreender a epidemia em seu inicio. Diante do perigo não se intimidou Ribas. Como autentico chefe, assume ele proprio as posições mais difficeis e arriscadas, visitando todos os focos, sem o menor alarde. E' nesse momento que seu auxiliar immediato, Vital Brasil, no exercicio do dever, é colhido pelo mal; encontra no chefe, segundo ele proprio relatou, as mais decididas provas de dedicação, apesar da gravidade das preoccupações que o dominavam e da magnitude dos encargos que lhe pesavam sobre os ombros. Faltava porém o soro contra a peste, que naquele tempo era, praticamente, o unico recurso de defesa contra a infecção. Os pedidos telegraficos enviados ao unico centro produtor, o Instituto Pasteur de Paris, não podiam ter pronta solução. A situação era critica, especialmente porque a existencia do soro e de seu uso no oriente era conhecida do publico,

através do noticiário dos jornais. Tendo entrado no porto de Santos, naquela occasião, um navio francês, decidiu-se Ribas, lançando mão de todos os meios possiveis, inclusive diplomaticos, a tentar obter do comandante a cessão do estoque de soro que ele levava como medida de precaução. Com essa partida de soro pôde ele atender a varios doentes.

NASCE O BUTANTÁ

Tudo estava a demonstrar, porem, a impossibilidade de ficar o país na dependencia do soro importado. Imaginou Ribas, então, fundar em São Paulo um instituto soroterapico, que preparasse e fornecesse o soro antipestoso e outros produtos biologicos. Como homem de ação que era, Emilio Ribas, ainda antes de terminada a epidemia de peste, já promovera a aquisição de uma chacara (Butantá) nas proximidades da capital, para instalação do planejado Instituto. Este foi instalado a titulo precario em 1899, em fins do Governo Fernando Prestes, mas só teve organização definitiva em 1901, no governo Rodrigues Alves, que nomeou para o posto de diretor o dr. Vital Brasil, um dos mais valentes soldados da brigada de Emilio.

Muito sofreu Ribas por causa da chacara do Butantá. Censuraram o preço pago (com contos de réis), apesar dos 300 hectares da propriedade. Censuraram a distancia a que o Instituto ficaria do centro urbano. A boca pequena murmuravam-se muitas outras coisas. Ribas, de acordo com seu feitio, avesso a polemicas e publicidade, suportava tudo calado, certo de que estava agindo da melhor maneira possivel. Osvaldo iria suportar, talvez, ainda muito mais, em situação semelhantes. E é curioso salientar a semelhança de circunstancias em que se fundaram Butantá e Mangunhos, produtos immediatos da urgente necessidade de combater a peste. Existe aliás mais de um traço a ligar os dois importantes acontecimentos.

RIBAS E OSVALDO

Com effeito, o diagnostico de peste feito em Santos pelo Instituto Bacteriologico, dirigido pelo eminente (e então tão combatido Adolfo Lutz), não fora aceito sem reservas pelas autoridades sanitarias do Rio. Mandaram estas, então a São Paulo um tecnico de sua confiança, que outro não era senão Osvaldo Cruz, recém chegado da França, onde se especializara no Instituto Pasteur. Sua missão era verificar o diagnostico feito pelos especialistas de São Paulo. Encontrou Osvaldo, da parte de Ribas, todas as facilidades; pôde examinar alguns casos da doença em São Paulo e, confirmado o diagnostico de peste, apresentou minucioso e importante relatório. As autoridades que o haviam mandado a São Paulo. Antes a ameaça da peste, na qual agora acreditavam, as autoridades do Rio, entraram a con-

gitar dos meios de a enfrentar. E o barão de Pedro Afonso propôs e obteve um contrato da Camara Municipal para instalar em Mangunhos um Instituto soroterapico. Naturalmente indicado para dirigir o novo Instituto estava o proprio Osvaldo Cruz. Assim nasceu Mangunhos, logo depois passado para o governo federal.

A sistemática progressão da febre amarela, interior a dentro, vinha preocupando seriamente as autoridades estaduais desde 1899. Como resultado disso, o Serviço Sanitário fora sendo melhorado, com a criação do Instituto Bacteriologico, do Instituto Vacinogenico, das Inspetorias sanitarias, do laboratorio de analyses, do hospital do isolamento, do desinfetorio, etc.

Naquelle tempo não se conhecia nem o agente nem o transmissor da febre amarela. Havia, é claro, uma porção de teorias, sem base experimental segura. Em nosso meio, os profissionais se dividiam em varios campos, cada qual procurando inventar (é o termo) uma explicação mais engenhosa para o mal e suas características. Em meio a essa grande confusão tomou Ribas conhecimento das experiencias da Comissão Norte-Americana, que estabeleciam de maneira cabal a transmissão da molestia pelo mosquito, afastando de uma vez as velhas idéias da transmissão pela agua ou pelo contacto directo, para não falar nos que se apegavam a Idéa dos miasmas e coisas parecidas.

Decidiu-se Ribas a aplicar imediatamente a orientação que logicamente se impunha à campanha contra a febre amarela. À vista dos resultados daquela Comissão, e que se casavam muito bem com uma serie de fatos por ele mesmo observados, quando inspetor sanitario. Encontrou, porem, fortissima opposição não só da parte de alguns destacados membros da classe medica, mas tambem de alguns de seus proprios auxiliares. O mesmo aconteceu com Osvaldo Cruz, tantas vezes atacado até pelos mestres da faculdade medica, que timbravam em oppor a clareza das experiencias a retórica de discursos meramente especulativos.

Ribas não desajustou diante da tempestade de incompreensão. Era preciso antes do final convencer os incredulos. Tomou então uma deliberação das mais acertadas: repetir no Hospital do Isolamento as experiencias da Comissão Norte-Americana. A prova foi levada a effeito em fins de 1902 e começou de 1903. Os mosquitos criados por Lutz nos laboratorios do Instituto Bacteriologico, eram levados para o interior e collocados sobre doentes de febre amarela, para que os picassem, enchendo-se de sangue. Trazidos depois para São Paulo, ao Hospital do Isolamento, aí serviam para as experiencias, feitas até em condições melhores que as de Havana. Com effeito, aqui em São Paulo tomara-se a precaução de realizar as experiencias de transmissão em

ponto muito distante dos locais da epidemia. Tambem os mosquitos utilizados foram criados a partir de larvas colhidas em cidades não atingidas pelo mal. Submeteram-se a experiencia, deixando-se picar pelos mosquitos infectados, o proprio Ribas, Lutz, Oscar Moreira e mais três voluntarios, Domingos Pereira Vaz, André Ramos e Januario Fiori, em dias diferentes. A contraprova era feita em comodos do isolamento em que antes haviam permanecido doentes de febre amarela, mas nos quais não se encontravam mosquitos. Os resultados das duas series de experiencias confirmaram plenamente os da Comissão Norte-Americana, mostrando que a razão estava com Finlay, o grande propugnador da Idéa da transmissão pelo mosquito, porisso mesmo tido e havido por louco, por muitos medicos da epoca. Todos esses resultados foram levados ao conhecimento da classe medica, num relatório apresentado pelo dr. Ribas ao Congresso Medico do Rio de Janeiro, em 1903, relatório esse no qual o grande higienista já referia os otimos resultados que obtivera com a applicação das novas normas em Sorocaba e São Simão. Não se pode negar a Ribas a primazia na repetição e confirmação das experiencias de Havana e na applicação, na luta contra a febre amarela, da teoria de Finlay sobre a transmissão pelo mosquito e a erradicação deste como meio natural de combater a epidemia.

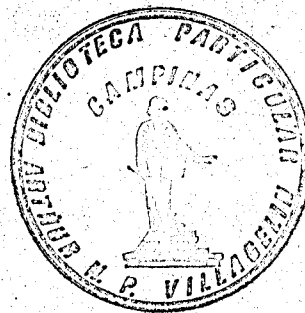
A VITORIA

Teve grande repercussão a memoria de Ribas, que muito contribuiu, desse modo, para vencer as resistencias que a erudição livresca ainda opunha ao novo modo de pensar baseado na experiencia. Em 1907, completamente vitorioso, podia ele escrever em seu relatório:

"Se não bastasse a satisfação de paulistas e brasileiros ao vermos São Paulo completamente livre da febre amarela, há tres annos, a ponto de não ocorrer em 1906 um unico caso, em todo o territorio paulista, nem mesmo importado de outras localidades, para tirar a lembrança dos dias agitados e lugubres de um decennio atrás, em que iniciamos nossa vida de inspetor sanitario nas epidemias do interior, o diagrama anexo baseado em dados officiais fornecendo o minimo de mortalidade em todo o Estado, seria sufficiente para fazer esquecer as injusticias de que foi alvo esta Repartição, quando pela primeira vez na America do Sul ousou iniciar a campanha anti-amarelica pelo combate aos mosquitos."

A vitoria da Ribas sem duvida contribuiu poderosamente para a vitoria de Osvaldo, paulista como ele, aliás. Com effeito, quando Ribas feu seu relatório perante o Congresso Medico, Osvaldo começava sua ação à frente do Serviço Sanitário Federal, encontrando pela frente terrivel campanha de imprensa e parlamento, fomentada em grande parte por eminentes professores de medicina, que não queriam arredar pé de suas proprias e caras teorias durante tantos annos ensinadas com tanta imponencia.

EM



Quando se faz o elogio de Emilio Ribas, há espiritos estreitos que nisso querem enxergar supostos desejos de empanar ou diminuir a gloria de Oswaldo Cruz. Ninguem menos que eu poderia ter esse objetivo, pois me formei na casa de Oswaldo e guardo, como melhor troféu de minha vida o premio que traz o nome do grande saneador, obtido lá mesmo, na grande instituição científica que ele fundou. Assim como a gloria da epopéa de Havana pode ser repartida entre varios homens, sem que nenhum deles se diminua, tambem a gloria da epopéa brasileira da febre amarela pode ser dividida entre Oswaldo e Emilio sem prejuizo para nenhum deles, mas antes com evidente ganho para a nacionalidade. E a ambos se há de reconhecer tambem, como galardão talvez maior que o do vencedor da epidemia, o terem sabido tirar, da tragica oportunidade, a inspiração para fundar centros de ciencia experimental. num pais há tanto divorciado, pelos proprios fatores de sua formação, do metodo científico. Tão injusto sempre me pareceu o esquecimento em parte votado a Ribas, e tão mesquinha aquela suspeita, a que acima me referi, de que enaltecendo a Ribas se diminua a Oswaldo, que no livro que escrevi para a juventude, em torno de temas de ciencia ("Aventuras no mundo da Ciencia", ed. Melhoramentos) fiz questão de unir esses dois nomes, e mais Lutz, como protagonistas de uma das mais belas historias de nossa Historia, bem representativa do alvorecer da ciencia no pais.

EM



Campos Salles, então presidente da Republica, ofereceu ao governo do Estado auxilio federal, em tão grave emergencia; Fernando Prestes delicadamente recusa, em gesto que exprimia a confiança do governo do Estado nos medicos paulistas. Com o fito de, em situação tão melindrosa para o Estado, colocar o governo à vontade, pede Ribas sua demissão, em janeiro de 1900, que lhe é negada pelo presidente Fernando Prestes, que julgava indispensavel os seus serviços e reafirma a confiança mais absoluta por parte do governo do Estado.

Sem tardança, Ribas estabeleceu serviços de vigilância em Santos e assim pôde surpreender a penetração da doença em seu inicio e dominá-la, antes que pudesse se disseminar no Estado.

Para lá envia Vital Brasil, incumbindo-o das primeiras pesquisas; este, contraindo o mal, foi alvo por parte de Ribas de todo o carinho e atenção, o que mais cimentou a solida amizade entre os dois illustres patricios.

O combate é arduo. O soro antipestoso que então somente era fabricado pelo Instituto Pasteur de Paris, e vinha, no Oriente, demonstrando sua eficiencia, inexistia em nossos mercados; os insistentes pedidos do governo de São Paulo ao Instituto Pasteur de Paris não podiam ser atendidos, pois o que se produzia não chegava para o Oriente. Foi obtida com dificuldade uma partida que, a bordo de um navio francês, aportara a Santos, soro que serviu para as primeiras applicações, conforme relata Vital Brasil.

Nessa premencia, Ribas logo premedita a instalação, entre nós, de um instituto que se incumbisse, imediatamente, da preparação do dito soro e tambem da de outros

(Conclui na pag. seguinte)



Emilio Ribas e dona Mariquinha, sua esposa.

12

Cam

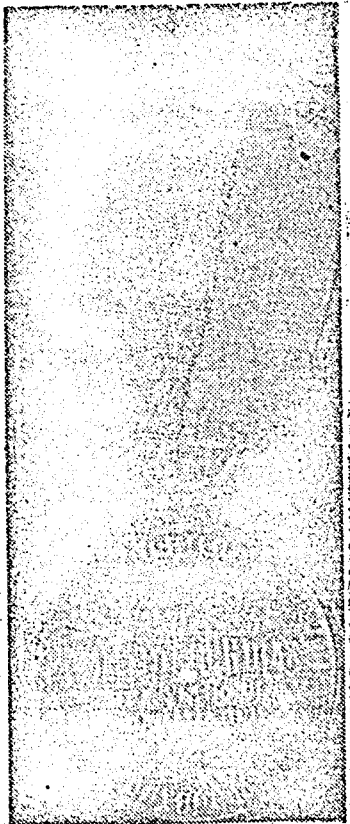
X

A GAZETA
2/4/1962

NO CENTENARIO DE NASCIMENTO DE EMILIO RIBAS

Notas biograficas do grande

"Esquecido"



A medalha Honra ao Mérito do Governo do Estado a Emilio Ribas (1903).

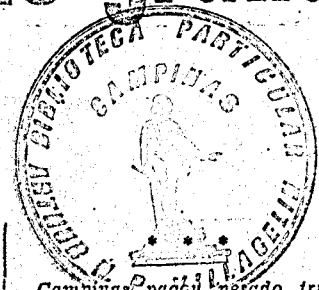
As paginas da vida científica de Emilio Ribas, o notavel sanitaria que debelou, no Estado de São Paulo, as epidemias de febre amarela entre 1896 e 1904, alguns anos antes que Oswaldo Cruz applicasse os mesmos metodos na Capital da Republica, são documentos que dignificam a gente paulista e que hão de servir de paradigma às gerações de nossos dias. Foi ele o grande "Esquecido" de nossos governos, de nossas coletividades e até de nossas entidades científicas. Somente nestes ultimos anos é que se deu ao tradicional Hospital de Isolamento de São Paulo, que foi o cenario da historica repetição das experiencias de Havana, o nome de "Emilio Ribas". Nenhum busto nas praças publicas de Santos, Sorocaba, Campinas, São Carlos, São Simão e Descalvado, que ele livrou das garras da febre amarela. Somente em Pindamonhangaba, sua terra natal, há alguns anos, amigos e admiradores de S. Paulo, é que ali inauguraram uma herma do grande sanitaria.

Os alunos de nossas Escolas Normais foram incumbidos pelos seus professores de preparar memorias sobre a figura do insigne saneador. Afluiram às nossas bibliotecas e nada encontraram. A Enciclopedia e Dicionario Interna-

cional, edição Jackson, que é das mais populares entre nós, nem faz menção ao nome de Emilio Ribas nas suas paginas. Há ali muitos Ribas. Mas Emilio Ribas, o sanitaria emerito, ali tambem é o grande "Esquecido". Nada consta.

E por isso que atendendo a inumeras solicitações de jovens alunos de nossas Escolas Normais, vamos tentar, com entusiasmo, traçar para eles, dentro de nossas possibilidades, o retrato do saneador do Estado de São Paulo e cujas notas servirão de elementos para suas composições escolares na passagem do centenario do nascimento do mestre de Oswaldo Cruz.

Nasceu Emilio Marcondes Ribas em Pindamonhangaba, Estado de São Paulo, no dia 11 de abril de 1862. Foram seus pais o sr. Candido Marcondes Ribas e dona Andradina Machado Ribas. Em 1887, após brilhante curso, formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, defendendo tese no ano seguinte sobre "Morte aparente dos recém-nascidos". Após a formatura deteve-se algum tempo em Pindamonhangaba, firando-se depois em Tatui e, posteriormente, em Santa Rita do Passa Quatro. A 11 de setembro de 1895 ingressou no Serviço Sanitario do Estado de São Paulo, então dirigido pelo dr. J. J. Silva Pinto. Depois seguiu para o interior do Estado, onde teve ensino de combater varias epidemias: Rio Claro Jaú, Araraquara, Pirassununga e nos arredores da estação de São Caetano. Em meados de 1896 foi destacado para a cidade de Campinas. Ali prestou eminentes serviços à causa publica. Em virtude disso o presidente Campos Salles, a 13 de setembro de 1896, assinava a nomeação de Ribas para Inspector Sanitario efetivo.



Campinas pagou o pesado tributo às epidemias de febre amarela, que a flagelaram durante dez anos. Após a primeira, em 1889, de grande intensidade, ocorreram outras nos anos seguintes, ora mais, ora menos intensas, até 1897, quando então começaram a se fazer sentir os resultados da campanha sanitaria empreendida pelo dr. Emilio Ribas, já então director da Comissão Sanitaria de Campinas, saneando-se a cidade, resultados que repercutiram não somente no tocante à febre amarela, mas tambem em relação à febre tifóide e outras causas. É que Emilio Ribas não acreditava que a molestia, isto é, a febre amarela, se transmitisse por contágio, com doentes amarillicos. Teve a genial idéa de extinguir focos de mosquitos e per-

nilongos em seus viveiros. E com estas profilaxias verificava que os casos se tornavam mais raros. Não confiava, pois, muito nas medidas anticontagionistas, então classicamente empregadas ao combate à epidemia de febre amarela, representadas principalmente pelo isolamento dos doentes e a rigorosas desinfecções de casas, vestuários, dejeções, etc., e, por outro lado, pudera observar que a limpeza publica e o asseio dos domicilios, quando bem praticados, muito influam na atenuação da epidemia, chegando-se mesmo a dominá-la. Os esforços de Ribas em Campinas foram algo muito bem apreciados pelas autoridades superiores do Estado. O secretario do Interior, dr. Diño Bueno, a 17 de setembro de 1896, escrevia-lhe carta de felicitações, dizendo ter lido seus relatórios e observado que o Serviço da Comissão Sanitaria a seu cargo tinha despertado a admiração dos campineiros, "que assim ficara preservada de qualquer enfermidade".

O saudoso professor Francisco Borges Vieira em sua memoravel conferencia pronunciada por ocasião do bicentenario de Campinas, dizia: "Sançou-se Campinas, dando como resultado cessarem suas epidemias de 1903, dois anos antes dos sábios membros da comissão médico-militar norte-americana,

AM

Reed, Carroll, Agramonte e Lazear, em estudos empreendidos em Havana, capital de Cuba, terem confirmado ser a doença veiculada por uma certa especie de mosquito (o então chamado "stegomyia fasciata", "culex fasciatus", "culex mosquito", "culex toeniatus" e outros nomes, e cuja designação moderna é "Aedes aegypti"), como desde muito anos vinha pregando o medico cubano Carlos Finlay. É um mosquito domestico, que põe seus ovos e se cria em cacos de garrafa, em latas velhas, e em toda sorte de receptáculos comumente encontrados no lixo dos quintais sujos.

Ribas foi, pois, um precursor em Campinas, a tanto o tendo levado sua argucia e o seu zelo de observador cuidadoso do desenvolver das epidemias que combatia. Quando teve conhecimento do resultado dos estudos da comissão norte-americana em Cuba, capacitou-se, imediatamente, do acerto dos novos ensinamentos e a explicação do caso de Campinas lhe surgiu nitida".

Eis como Emilio Ribas, em conferencia pronunciada na época, se refere ao caso de Campinas:

"Continuando a meditar sobre o valor dos novos ensinamentos, as ultimas duvidas que assaltavam o meu espirito foram completamente dissipadas pelo caso de Campinas.

Um julgamento imparcial e sereno sobre os serviços sanitarios all executados, veio trazer-me profunda convicção das verdades contidas em a nota preliminar procedente de Cuba.

Campinas foi, pois, um excelente testemunho em favor da eficacia dos novos ensinamentos e veio robustecer no meu espirito a necessidade de sua applicação.

Lançando-se um olhar retrospectivo sobre os serviços de hygiene naquela cidade durante a minha chefia, e continuados pelo saudoso colega Teodoro Baima e por Otavio Machado, atual delegado de Saude, verifica-se que, a par das medidas classicas (isolamento e desinfecção), outras providencias foram tomadas a bem da hygiene urbana e de cuja execução resultou o golpe de morte da febre amarela.

Em síntese, podemos afirmar que Campinas foi sancada antes dos estudos de Cuba, graças aos meios profilaticos, depois demonstrados brilhantemente em Havana, como recursos heroicos na extinção do terrível mal.

De fato, algumas providencias tomadas em favor da salubridade daquela cidade, concorreram, sendo para o exterminio completo dos mosquitos, ao menos para sua grande diminuição, o que já constituiu medida de alto valor na profilaxia das molestias epidemicas transmitidas por esses insetos.

E para maior clareza do assunto, tomo a liberdade de citar os serviços que, se não visaram diretamente o verdadeiro inimigo, em vista da teoria de então, se tornaram, todavia, eficazes por terem concorrido, pelo menos, para sensivel redução dos mosquitos".

As medidas a que se refere Ribas na sua conferencia, em resumo, foram estas: remoção sistematica das aguas estagnadas, retificação do correjo Anhumas que margem Campinas, entupimento de poços, reforma de domicilios insalubres, drenagem superficial dos quintais e escoamento das aguas de chuva, impermeabilização das aguas e colheção de raios e esgotos nestas, e, finalmente, proibição do uso de tinas para lavagem de roupas e intimação para construção de tanques, diretamente ligados aos ralos:

Nessa conferencia Emilio Ribas disse: "Podemos calcular sem exagero, que só a pratica desta terradreira medida, removeu de Campinas 6.000 viveiros de pernilongos, se considerarmos que era esse o numero de predios de habitações coletivas daquela época. E quem conhece os habitos do "stegomyia fasciata" sabe ser a agua de sabão um meio compativel com seu desenvolvimento. E ninguém desconhece que o esvaziamento incompleto das tinas é condição essencial para conservação das mesmas, cujas aduelas perdem as suas junções uma vez secas. Desta forma encontra-se quase sempre uma porção de agua restante, um meio necessario para o desenvolvimento das larvas dos mosquitos. As experiencias feitas em Cuba sobre a transmissão do mal, depois da extinção da febre amarela de Campinas, vieram confirmar, de modo evidente, que na batalha ganha naquela cidade e municipios, foram empregadas, embora empiricamente, as modernas armas. Armas que tiveram brilhante consagração científica com a confirmação da doutrina do benemerito Carlos Finlay. Para os opositoristas, porém, a solução foi dada pela desinfecção e isolamento. Do importante porto de Santos, flagelado há 52 anos, a febre amarela desapareceu tambem, sob a forma epidemica, desde 1901, graças à applicação empirica da profilaxia havaneza, como atestam varios serviços all executados e que fatalmente concorreram para grande redução dos agentes transmissores".

A febre amarela que em Campinas em 1896 ceifava 788 pessoas e em 1897, 321, a partir de 1898, depois das medidas profilaticas adotadas por Emilio Ribas, registrou os seguintes-casos fatais: 1898 — 3 pessoas; 1899 — 4; 1900 — 2; 1901 — 0. Estava extinta a epidemia em Campinas, graças às medidas adotadas pelo genial sanitaria de Pindamonhangaba.

Alinda da esclarecedora conferencia do professor Francisco Borges Vieira:

"Resolve fazer imediatamente ativa campanha contra o "stegomyia", julgando-a a unica medida capaz. E assim que, em Sorocaba, onde uma grande epidemia se verificara de 23 de dezembro de 1899 a 4 de junho de 1900, datando os primeiros trabalhos sobre a transmissão pelos mosquitos de fins de 1900, medidas contra os mosquitos foram executadas já a partir de janeiro de 1901, sendo, nota-o Ribas, a primeira das grandes epidemias, que grassaram no Estado de São Paulo, que não se repetiu.

Apesar da opposição que se levantou, algumas vezes ferina, paridade de vultos eminentes, não desanima. Como se apontasse causa possivel de erro nas conclusões da comissão norte-americana, por ter sido Havana, por muitos anos, foco endemico de febre amarela, a transmissão podendo-se dar, diziasse, por outros meios além do "stegomyia" e, por outro lado, querendo-se atribuir a melhoria do estado sanitario daquela cidade, como tambem em Santos e Campinas, não ao exterminio de mosquitos, mas às desinfecções ou obras de saneamento, procura Ribas convencer os opositoristas, obtendo do Governo autorização para repetir as experiencias de Havana na cidade de São Paulo, desde alguns anos isenta de qualquer epidemia do mal amarillico, no Hospital de Isolamento, ao qual, naturalmente, se deu há poucos anos o seu nome; elas tiveram lugar em fins de 1902 e começo de 1903, revestindo-se tudo do maior rigor científico. Convida uma douta comissão, composta dos drs. Luiz Pereira Barreto, Antonio Gomes da Silva Rodrigues e Adriano de Barros, para acompanhar tais experiencias, que teriam por fim "verificar a possibilidade da transmissão da febre amarela pela picada de mosquitos ("stegomyia fasciata") infectados por pessoas atingidas dessa molestia", as quais foram seguidas de uma segunda série, que verificou a não transmissibilidade por meio de vestuario ou fomites, isto é, objetos contaminados. O primeiro daqueles, nome brilhante na ciencia paulista, acreditava, conforme conferencia sua, produzida na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em sessão de 16 de julho de 1900, serem os mosquitos fator importante, como veiculo e inoculador do germe da febre amarela; entretanto, acrescentava, apenas e exclusivamente por provirem de aguas infectadas. Para contornar as objecções às experiencias que iam ser repetidas em São Paulo, larvas de mosquitos "stegomyias" foram colhidas em

KOAN



Itu, onde não existia a doença, criadas, e os mosquitos adultos resultantes enviados a São Simão, onde a 24-XII-1902 fizeram-nos fazer picar um doente nos primeiros dias, para serem então trazidos a São Paulo. Ribas seguido do dr. A. Lutz e, 16 dias depois, de Oscar Moreira, foram os primeiros a se oferecer à picada inoculadora, seguindo-se dois outros voluntários: Januario Fiore e André Ramos, perfeitamente esclarecidos quanto ao perigo; logo depois, tem início a contra-prova, para demonstrar a não contagiosidade dos excreta, a que se submeteram três italianos recém-chegados: Giuseppe Malagutti, Angelo Paroletti e Giovanni Siniscalchi, confirmando-se perfeitamente tal fato".

Em 27 de junho de 1903 Emilio Ribas apresenta notável memória ao V Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, reunido no Rio de Janeiro, principalmente sobre os resultados que, pela execução dos novos métodos, havia obtido no extermínio das epidemias de S. Simão e Ribeirão Preto, em 1902 e 1903. Em Ribeirão Preto, muito de propósito o confesse, a única medida executada foi o combate aos mosquitos; aí não foram feitas desinfecções de casas, roupas ou fômites e os resultados obtidos muito contribuíram para dissipar as dúvidas que ainda perduravam.

Especialmente convidado, apresentou igualmente uma comunicação em Londres, na Society of Tropical Medicine and Hygiene, em sessão de 19 de fevereiro de 1909, presidida pelo grande tropicalista Patrick Manson, onde relatou as suas observações e experiências.

O acerto com que agira se concretizou na extinção da doença em nosso Estado, onde, em 1904, se registraram verdadeiramente os dois últimos casos, cabendo a São Paulo a primazia, fora de Cuba, do grande triunfo.

Da conferência do professor Francisco Borges Vieira:

"Em março de 1903, assumindo a direção federal de saúde o dr. Oswaldo Cruz, chamado pelo governo do ilustre presidente Rodrigues Alves, resolveu atacar com intensidade o problema da febre amarela no Rio de Janeiro, baseando-se na orientação seguida em Cuba pelos norte-americanos e em São Paulo por Emilio Ribas, de quem era fervoroso admirador, e onde dera tão excelentes resultados. E a doença veio a desaparecer da Capital Federal em 1908, cinco anos depois de extinta no Estado de São Paulo.

Vemos, pois, que Emilio Ribas antecedeu Oswaldo Cruz, fato esse ainda desconhecido de grande parte do público e até mesmo de médicos".

No campo da tuberculose Emilio Ribas revelou o maior interesse. Do fruto de seus trabalhos fala alto a idéia realizada do melhor aproveitamento de Campos do Jordão como estação de cura para tuberculose. Foi um dos principais propugnadores dessa estação, cuja estrada de ferro a ele, principalmente, se deve.

O problema da variola preocupou-o seriamente e, para esse fim, disseminou grandemente o uso

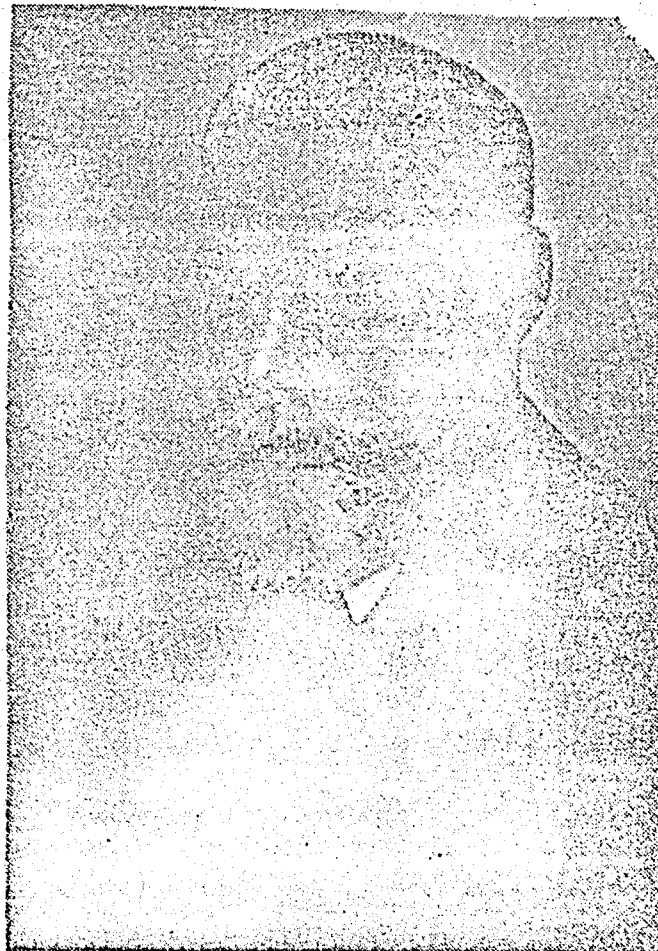
da linfa vacílica, incentivando as vacinações e revacinações sistêmicas. Em 1898 extinguiu na Capital forte epidemia de variola, ocasião em que se verificaram 345 obitos. Foi nessa época que observou diferenças de ordem clínica nos surtos da variola, escrevendo trabalhos a respeito e comunicando-os às sociedades científicas.

Combateu a malária no litoral e em Ribeirão Preto.

Trabalhou com energia na questão da febre tifoide, endêmica na Capital, levando a efeito a melhoria das instalações sanitárias domiciliares. Convencido de que um dos principais alimentadores do estado endêmico da febre tifoide entre nós era a mosca, não só para aí orientou a atuação das autoridades sanitárias, no afã de melhorar a instalação dos esgotos domiciliares, como muito se interessou para que o problema do lixo na Capital se resolvesse pela incineração. Foi por isso que a Prefeitura construiu em São Paulo um forno de cremação.

Em 1899 a cidade de Santos é invadida pela peste bubônica, trazida pelo navio "Rei de Portugal" procedente da cidade do Porto e que estava a braços com violenta epidemia a bordo. E o professor Borges Vieira assim relata:

"Medidas imediatas deviam ser tomadas com o fim não só de combater a epidemia que se iniciava na cidade de Santos, como impedir a disseminação no Estado do terrível morbus.



Emilio Ribas, o grande "Esquecida".

Handwritten signature or initials.



BENEMERITOS DE CAMPINAS

EMILIO RIBAS

Nasceu Emilio Marcondes Ribas em Pindamonhangaba, neste estado, aos 11 de abril de 1862. Eram seus pais o dr. Candido Marcondes Ribas e d. Andradina Machado Ribas. Em novembro de 1887, após brilhante curso, diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Rio, defendendo tese em fevereiro de 1880 sobre "Morte aparente dos recém-nascidos". Ingressou em 11 de setembro de 1895 no Serviço Sanitário do Estado, tendo servido na capital e no interior do Estado, combatendo varios epidemias. Veio em seguida para Campinas, de cuja comissão sanitaria logo fôra designado chefe e onde prestou relevantes serviços á causa pública. Era então presidente do Estado o ilustre campineiro dr. Manoel Ferraz de Campos Sales o qual, em 13 de setembro desse mesmo ano de 1896, assinava a nomeação de Ribas como inspetor sanitario efetivo.

Quando irrompeu a terrivel epidemia de febre amarela, em 1889, o dr. Emilio Ribas desenvolveu uma extraordinaria campanha sanitaria, não só tocante á febre amarela mas tambem em relação ao tifo. Dirigiu a comissão sanitaria de 1896 até 1898 quando aceitou o convite feito pelo então presidente Peixoto Gomide para assumir o cargo de diretor do Serviço de Higiene do Estado. Em 2 de agosto de 1913 deixou a direção do Serviço Sanitário por ter sido comissionado para acompanhar os estudos clinicos e métodos terapeuticos modernos empregados no tratamento da lepra, bem como o funcionamento de leprosarios modelos. Modéstia e inteireza de carater eram de seu feitio. Homem de bem em toda a linha.

Faleceu em S. Paulo a 19 de dezembro de 1925, com 63 anos de idade.

EM

FOLHA DA MANHÃ

19.12.1956



EFEMERIDES

19 DE DEZEMBRO:

1925 — Falece em São Paulo o higienista Emilio Ribas, nascido em Mindamonhangaba a 11 de abril de 1862. Tendo ingressado como simples inspetor sanitario no Serviço de Saude do Estado (1893), foi três anos depois nomeado diretor geral dessa repartição, cargo que ocupou durante vinte anos. Foi sobretudo no combate à febre amarela que mais se notabilizou, quer pelas medidas praticas por ele adotadas para debelar o mal, quer pela originalidade de sua idéias quanto ao agente etiologico da doença, pois sempre sustentou o ponto de vista que o mosquito era seu transmissor direto e não o contagio, como então se acreditava. Precursor de Oswaldo Cruz, que reconheceu nele o "sabio profissional que fez o saneamento de Campinas e São Paulo", encorajando-o — segundo suas proprias palavras — "para a ardua campanha em que estava empenhado", foi ainda o batalhador infatigavel que promoveu as campanhas de combate ao tifo, à peste bubonica e à varíola. A lepre e a varíola passaram a ser combatidas mais racionalmente em São Paulo graças a providencias suas para a construção da Colonia de Santo Angelo e o aproveitamento de Campos do Jordão como estação de cura. Sem nenhum favor, ao lado de Oswaldo Cruz, Adolfo Lutz, Vital Brasil, Carlos Chagas, Emilio Ribas é um dos grandes nomes da ciencia medica universal.

*

Cam

Denominações de ruas

Dr. Celso da Silveira Rezende, Vice-Prefeito Municipal de Campinas, em exercício, etc.

Faço publico, pelo presente, que, em virtude de deliberação da Câmara, em sessão de 31 do mez findo, e de accordo com o art. 7.º da Lei n. 87, de 1902, as vias publicas abaixo mencionadas ficam d'ora avante assim denominadas:

AVENIDA JULIO MESQUITA, a parte larga da rua Augusto Cezar, comprehendida entre a rua Benjamin Constant e a Santa Cruz. (sob. n. 1, planta da Prefeitura); — RUA DR. GUILHERME DA SILVA, a rua que passa pelo canto do terreno do Bispado, chamada pelo vulgo de *Afêres Raymundo*. (sob n. 2, planta da Prefeitura); TRAVESSA IRMÃOS BIERRENBACH, a rua que vae da rua Augusto Cezar á Praça 15 de Novembro. (sob n. 3, planta da Prefeitura); RUA PAULA BUENO, (Commendador Francisco de Paula Bueno) antiga estrada do Taquaral, do canal do Saneamento até o alto do Taquaral. (sob n. 5, planta da Prefeitura); RUA BARÃO GERALDO DE REZENDE, a rua denominada José Paulino, que foi bifurcada em duas, na parte que vae da bifurcação em diante, passando pela frente do Stadium do Guarany. A parte nova, continuação em linha recta da José Paulino, conservará este nome em toda a sua extensão. (sob n. 6, planta da Prefeitura); RUA DR. SILVEIRA LOPES, a rua que parte da rua Culto á Sciencia, em frente ao Gymnasio do Estado. (sob n. 7, planta da Prefeitura); RUA MARQUEZ DE TRES RIOS, a rua geralmente conhecida por travessa da Maternidade, que parte da rua Saldanha Maranhão, no Botafogo. (sob n. 8, planta da Prefeitura); RUA DO CAFE, a 1.ª travessa da Avenida São Paulo, no Botafogo. (sob n. 9, planta da Prefeitura); RUA ANTONIO GUIMARÃES (O BAHIA), a 2.ª travessa da Avenida São Paulo, e parallela á precedente (sob n. 10, planta da Prefeitura) — RUA DR. SALUSTIANO PENTEADO, a rua parallela á Avenida São Paulo, entre esta e os trilhos da Cia. Mogyana, vulgamente chamada rua *São José*. (sob n. 11, planta da Prefeitura); — RUA AMADOR FLORENCE, a 3.ª travessa da Avenida São Paulo, (sob n. 12, planta da Prefeitura); — RUA DR. CESARIO MOTTA, a 4.ª travessa da Avenida São Paulo, conhecida sob a denominação de rua *Fiza*. (sob n. 13, planta da Prefeitura); — RUA DR. RODRIGIO OCTAVIO, a 5.ª travessa da Avenida São Paulo, parallela á precedente e conhecida pela denominação de rua *Jandyrá*. (sob n. 14, planta da Prefeitura); — AVENIDA DR. WASHINGTON LUIS, a rua que parte da rua Mascarenhas, localizada entre as linhas das Companhias Paulista e Mogyana. (sob n. 15, planta da Prefeitura); — RUA LUIZ GAMA, a parallela á rua Germania, entre esta e os trilhos da Sorocabana (sob n. 16, planta da Prefeitura); — RUA DR. THEODORO LANGAARD, a 1.ª parallela á Germania. (sob n. 17, planta da Prefeitura); — RUA SANTAANNA GOMES, a 2.ª parallela á rua do Bomfim. (sob n. 18, planta da Prefeitura); — RUA DR. ARNALDO DE CARVALHO, a rua parallela á precedente. (sob n. 19, planta da Prefeitura); — RUA DR. ALBERTO SARMENTO, a 2.ª parallela á Germania. (sob n. 20, planta da Prefeitura); — RUA RAPHAEL SALLES, a 3.ª parallela á Germania e em seguida á precedente. (sob n. 21, planta da Prefeitura); — RUA JULIO RIBEIRO, a parallela á precedente. (sob n. 22, planta da Prefeitura); — RUA JOAQUIM VILLAC, a que sahe da rua do Bomfim, em direcção ao Asylo de Invalidos, denominada *Estrada da Roseira*. (sob n. 23, planta da Prefeitura); — RUA ANTONIO BENTO, a rua na Villa Industrial, parallela á rua Bella Vista, e geralmente conhecida por *Antonio Bento*. (sob n. 24, planta da Prefeitura); RUA DR. CARLOS DE CAMPOS, a rua na Villa Industrial conhecida pelo nome *Bella Vista*. (sob n. 25, planta da Prefeitura); — RUA BENEDICTO OCTAVIO, a rua conhecida pelo nome de *Alberno Dias*, travessa da rua Salles de Oliveira, entre Pereira Lima e Afêres Raymundo. (sob n. 26, planta da Prefeitura); — RUA D. MARIA SOARES, a 1.ª travessa da Salles de Oliveira e parallela á Avenida João Jorge. (sob n. 27, planta da Prefeitura); — RUA ANTONIO SARMENTO, a 2.ª travessa parallela á precedente. (sob n. 28, planta da Prefeitura); — RUA OSCAR LEITE, a rua que parte da Estrada Paulista (Ponte Preta), parallela á rua Abolição, em continuação á rua Barão de Jaguará. (sob n. 29, planta da Prefeitura); — RUA JOAQUIM NOVAES, a rua que parte da rua Irmã Seraphina, fronteira á Marechal Deodoro. (sob n. 30, planta da Prefeitura); — RUA DR. CARLOS GUIMARÃES, a rua que sahe da rua Major Solon, partindo do canal do Saneamento. (sob n. 31, planta da Prefeitura); — RUA DR. SAMPAIO FERRAZ, a 1.ª rua parallela á rua dos Bandeirantes, tendo inicio na rua Cel. Quirino. (sob n. 1, planta parcial da Prefeitura); — RUA DR. EMILIO RIBAS, a 2.ª travessa da rua precedente, a partir da rua Maria Monteiro. (sob n. 3, planta parcial da Prefeitura).

E para conhecimento de todos, mandei expedir o presente edital.

Eu, Amilar Alves, secretario da Prefeitura, o escrevi.

Campinas, 12 de Setembro de 1927.

Dr. Celso da Silveira Rezende

